

70 MAR 1992

Qual é mesmo a capital do Brasil?

JORNAL DO BRASIL

Reynaldo Jardim *

Os pré-socráticos me fascinam. Os socráticos me nauseiam. É muita petulância essa história de só saber que nada sabe. Acontece em Brasília o II Encontro Nacional de Ignorantes com uma porção de gente disposta a demonstrar o que sabe e fingir não saber, que finge saber e não sabe e, sabendo o que diz, faz coro ao velho Sócrates que sabia muito bem fazer afirmações levianas para impressionar gregos e goianos.

O Millôr Fernandes, o Houaiss e eu, por exemplo, sabemos tudo, embora não tenhamos certeza absoluta nem de que existimos por pensar.

Por favor, não responda intemperadamente, confiando na Constituição: qual é a capital do Brasil? O livrinho afirma que é Brasília. Mas Brasília não é coisa alguma e segundo Edson Nery da Fonseca é apenas "um triângulo equilátero encravado no imenso retângulo do Distrito Federal". O famigerado Plano Piloto. O Paulo Timm, diretor da Codeplan e especialista nas coisas aqui no planalto, infere que foi uma bobeadinha dos constituintes. O correto teria sido afirmar que a capital do Brasil é o Distrito Federal. Alguns secretários de Estado me informam que Brasília é o próprio DF. Assim, Ceilândia, Taguatinga e Samambaia fazem parte da capital.

Se a afirmação acima é correta, tudo bem. Se não é, precisamos batizar este distrito. O que eu sei é que quando pergunto a alguém: você mora em Brasília? a resposta corrente é: Não. Moro em Planaltina. E ninguém sai de qualquer satélite para ir a Brasília. Qualquer um dirá: vou ao Plano. Se Brasília é o DF, Lúcio Costa não inventou Brasília, só inventou esse espaço que o GDF chama de região administrativa nº 1, a Brahma das satélites.

O que me atormenta não é saber de onde vim, nem onde vou. É saber onde estou. O Brasil não conhece o Distrito Federal nem de ouvir falar.

Só conhece "o triângulo incrustado no quadrilátero" palco das falcatruas federais, insula dos devaneios presidenciais e, congressuais, berço esplêndido embalado pelos dinheiros públicos. Mas, é além da cruz traçada pelo mestre Lúcio que o povo vive um sacrifício idêntico ao de todo o povo brasileiro, crucificado pelo pauperismo, sem possibilidade de qualquer fantasia a não ser a de sonhar com o pão nosso de um dia sim e outro não.

Pois é aí nesse território desconhecido que se realiza um trabalho da mais alta competência e seriedade humana e administrativa, onde não se tem notícia de corrupção, de licitações ilícitas, de negociatas, de mordomias deslavadas. Enfim, uma região que não gera lendas, maledicências, especulações e, portanto, dentro da perspectiva do jornalismo atual, não é notícia que interesse ao país.

Samambaia, uma das regiões administrativas do DF, representa um modelo de assentamento urbano de massa, onde os moradores, ao contrário do que acontecia com o sistema nacional de habitação, não se tornam devedores permanentemente enforcados. Onde cada um constrói, em lote cedido pelo governo, sua casa, segundo posses e gosto. Sem compreender o significado profundo que tem para os moradores a posse da terra e a construção, com as próprias mãos e recursos, da moradia para abrigar a família, certa burguesia torce o nariz, sentindo seus padrões estéticos ofendidos pela paisagem urbana de Samambaia. Mas assim como para o governo de Joaquim Roriz o urbanismo precede à arquitetura, a ética precede à estética. E eu diria que quanto mais ético mais estético, sem com isso me enquadrar nos princípios do Encontro dos Ignorantes.

Se o DF é Brasília, se Brasília é a capital do país, vamos nos sentir muito mais felizes. O pessoal das satélites e eu. Aí vou ter certeza que não moro só na ilha fantasiosa, mas aqui dentro do coração do Brasil.